

editorial
editorial

entrevista
interview

ágora
agora

tapete
carpet

artigo nomads
nomads paper

projetos
projects

expediente
credits

próxima v!rus
next v!rus

V!20

revista **V!RUS**
V!RUS journal

issn 2175-974x
ano 2020 year
semestre 01 semester
Julho 2020 July



CORPO, CRÍTICA E CRIATIVIDADE NO ESTUDO DA CIDADE BODY, CRITICISM AND CREATIVITY IN THE STUDY OF THE CITY

ROSELINE OLIVEIRA

PT | EN

Roseline Oliveira é arquiteta e urbanista e Doutora em Arquitetura e Urbanismo, com Pós-doutorado na Universidade de Évora, Portugal. É Professora Associada da Universidade Federal de Alagoas, onde coordena o Programa de Pós-graduação em Dinâmica do Espaço Habitado. É membro do grupo de pesquisa Estudos da Paisagem, estudando a paisagem nordestina com foco nas questões patrimoniais e na socialização desse conhecimento. roselineoliveira@gmail.com

Como citar esse texto: OLIVEIRA, R. Corpo, crítica e criatividade no estudo da cidade. **V!RUS**, São Carlos, n. 20, 2020. [online]. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=8&lang=pt>>. Acesso em: 22 Jul. 2020.

ARTIGO SUBMETIDO EM 10 DE MARÇO DE 2020

Resumo

Pensar a cidade é encará-la como dinâmica e complexa, e a universidade se coloca como determinante no percurso de formação de base do arquiteto, assumindo como compromisso e desafio a sua constante atualização. Tendo em vista os avanços intelectuais no último século em diversos campos do saber, este artigo versa sobre formas contemporâneas de pensar, as quais apontam para a cumplicidade disciplinar e para a noção de incerteza, no intuito de refletir sobre suas repercussões no âmbito do ensino. Para tanto, discursos de historiadores, sociólogos, poetas e matemáticos são mencionados para enquadrar questões de método, que, matizadas por conceitos artísticos e filosóficos, adotam a autonomia como alicerce da produção do conhecimento, o corpo como instrumento potencializador da percepção urbana e a subjetividade como meio criativo de interpretação. Portanto, indo na direção contrária ao da tradição acadêmica em seu cotidiano de ensino, o qual tende para um rígido ordenamento disciplinar de discussão, assumem a pesquisa, o ensino e a aprendizagem enquanto processo e a cidade enquanto possibilidades, assim como é a própria diversidade do olhar sobre ela.

Palavras-chave: Cidade, Método, Interdisciplinaridade, Corpo e incerteza

1 Intersecções interdisciplinares na formação (da) crítica

Em todas as determinações, o dia seguinte he mestre do dia antecedente. A experiência he mestre universal, debaixo della, todos aprendem à sua custa; as batalhas ensinam o soldado, as ruínas, o architecto, os naufrágios, o Piloto. (BLUTEAU, 1721).

A produção da cidade deriva de formas de ver o mundo. Esse olhar é dinâmico, e a cultura e o tempo denunciam suas variações e mudanças. Para o arquiteto urbanista, a compreensão do contexto da apropriação do espaço constitui um inevitável desafio a ser enfrentado e, muitas vezes, ele parece despreparado para as inquietações que a urbe insiste em provocar.

No âmbito da Universidade, o futuro arquiteto é envolvido por uma carga significativa de informações que tentam traduzir as dinâmicas urbanas, explicá-las em diferentes perspectivas e promover o exercício de encará-las. Para tanto, é centro de investimento intelectual e financeiro em atividades de pesquisa, extensão, publicização e discussão em inúmeros modelos de fóruns de variadas abrangências. No cerne dessa produção de conhecimento, situam-se os temas da cumplicidade disciplinar (BRANDÃO, 2006) e da aleatoriedade (TALEB, 2016), tratados com o intuito de potencializar a compreensão das complexas realidades das cidades e das diversas posturas diante delas. Então, questiona-se sobre as repercussões dessa atualização universitária no seu próprio cotidiano de ensino e aprendizagem.

A escola constitui um núcleo que funciona ordenando percepções e, por extensão, moldando-as. Suas grades curriculares, no caso, as relativas aos cursos de Arquitetura e Urbanismo, abrangem conteúdos históricos, artísticos, filosóficos, ambientais, matemáticos, dentre outros. Contudo, até que ponto o futuro arquiteto desperta para a sutileza do cruzamento desses vários campos do saber? Por exemplo, ele atenta para o sentido da composição geométrica de conventos franciscanos? Percebe a ideia de sustentabilidade na ação de Le Corbusier quando projetou cidades pensando em mosteiros medievais? Identifica a carga clássica do *Cardo* e *Decumano* dos primeiros riscos de Lúcio Costa para o plano piloto de Brasília? E quanto à aproximação de Lina Bo Bardi entre o popular e o erudito? Diante da favela, vê Foucault (2007) para além de construções com entulho? Desconfia que pode aprender com esse espaço habitado que dispensou o traço do arquiteto?¹

A literatura revela vários avanços intelectuais ocorridos durante o último século, dentre os quais, muitos repercutem direta ou indiretamente sobre o desenvolvimento dos dois temas acima mencionados. Talvez, os mais desconcertantes tenham sido aqueles relativos ao campo da História, que conviveu com a dúvida acerca de sua utilidade, enfrentada pela construção clássica e ocidental da própria área de conhecimento, marcado por três aspectos de redefinição: a noção positivista acerca da autonomia do documento²; a valorização do historiador enquanto criador de hipóteses³ e a junção da narrativa com outras áreas de conhecimento⁴, especialmente, com a Antropologia, a qual fundamentou a ideia da Nova História⁵.

A ideia de que o documento é uma linguagem que carrega em si intenções e desejos, e que sua leitura depende da interpretação do leitor, dará abertura para a apropriação de outras fontes e artifícios de análises com fortes repercussões nos estudos da cidade em suas diversas dimensões⁶. Nesse sentido, História e Estética, enquanto conceito que dá relevo, particularmente, aos processos de identificação humana e social com o espaço, por exemplo, vão anunciar sua cumplicidade⁷, e a Arte Contemporânea, com suas expressões socialmente impactantes, será tomada como universo para fundamentar a tomada de consciência relativa à compreensão e intervenção urbanística, quando, nos anos de 1960, um ingrediente é introduzido na forma de pensar esteticamente a cidade e de intervir criticamente sobre ela: a empiria. Obviamente, diferente da experiência de comprovação dos renascentistas e de erudição da *Grand Tour* iluminista, a experiência do corpo do espaço urbano, no contexto da História Nova, foi originalmente sustentada na prática situacionista de Guy Debord ([1958] 2003) e engaja a vivência como veículo de compreensão. As derivas, a observação do não previsto, e o estudo da cidade em seu próprio ambiente físico passam, então, a ser consideradas como processos metodológicos que visam (re)conhecer o lugar, considerando-se ele mesmo como referência documental⁸.

A revolução intelectual impulsionada pela Física e pela Filosofia em torno da noção de relatividade também rendeu inquestionável suporte para deslaçar robustas amarras disciplinares, como foi demonstrado pela expressiva aceitação por parte da produção arquitetônica. Teorias como a do Caos e do *Quantum*, e termos como *In Between* ("Entre") e *Displacement* ("Deslocamento") serão mais tarde elaborados com base no discurso derridiano da Deconstrução e justificarão a feição de edifícios a partir do final dos anos de 1980, desestabilizando ideias estratificadas sobre o mundo edificado, como a da materialidade da arquitetura que, até então, tinha no sistema trilitico a sua estrutura essencial, permanente, ultrapassando a fisionomia delineada pelos gostos de época, como demonstra o exemplo paradigmático da expressão arquitetônica do Museu Guggenheim de Bilbao (Figura 1).



Fig.1: Museu Guggenheim de Bilbao, Espanha, 1997, projeto de Frank Gehry. Fonte: Roseline Oliveira, 2017.

Tendo em vista a dificuldade de flexibilização das formas de pensar⁹, nas entrelinhas de suas superfícies inclinadas, tortas e amorfas, essa expressão arquitetônica indicou a necessidade de nos reposicionarmos diante das dualidades (bom/ruim, bonito/feio, forma/função, dentro/fora, teoria/prática) e nos deslocarmos de nossas cômodas posições para tentar compreender o outro ou, de uma maneira menos ambiciosa, dar-nos a oportunidade de ter outras experiências enquanto artifício de reflexão.

O que se pode perceber com as mudanças de ponderação baseadas nas aproximações entre disciplinas e o impacto da noção de relatividade, aqui muito brevemente acentuadas, é a tendência em evocar o posicionamento crítico diante do conhecimento e de seu próprio método de produção. Para tanto, a empiria e a subjetividade são entendidas como uma forma de proceder, estimulando possibilidades de manipulação de informações documentais e perceptivas, e dando margem para a invenção de outras formas de entender determinados aspectos, no caso, os relativos à compreensão da e à atuação na cidade.

2 Empíria e subjetividade: o processo do corpo enquanto método

A discussão acerca do estudo da cidade vai, então, se afastando dos termos de conteúdos disciplinares específicos e se aproximando de questões relativas ao método de seus enfoques: até que ponto procedimentos acerca do estudo da cidade se distanciam da noção oitocentista de repositório de exemplos? Quais as repercussões dessa abertura de possibilidades anti-binária e pró-ocasional no âmbito do ensino? Adota-se a oralidade nos exercícios da compreensão da cidade? A imagem projetada pelo datashow é encarada como documento e iconologicamente tratada? No espaço da sala de aula, dá-se espaço para a interpretação criativa?

Nos últimos anos, a julgar por ações universitárias sediadas no Nordeste brasileiro, vem sendo possível reconhecer emergências transgressoras em termos de atuação metodológica de ensino e aprendizagem, no âmbito da formação de base do arquiteto, e que acompanham os avanços contemporâneos de pensamento acerca da cidade, na medida em que consideram a arquitetura através do corpo “não apenas ergométrico, mas que se diferencia, que se move inusitadamente, que se tem pulsões, prazer e sofrimento”, abrindo “grandes janelas para a criação” (Figuras 2, 3, 4 e 5) (SILVA, 2015, p. 10).



Fig. 2: O professor Francisco Xico Costa, da UFPB, com os estudantes vestindo o “Muxarabis portátil para estudantes de arquitetura à beira de um ataque de nervos, temporada 2016.2”. Durante a Oficina de Desenho, eles são deslocados da prancheta e da régua paralela para transformar traço em produto volumétrico, portátil, em formato de capuz. Experimentam

seus croquis, vestem seus produtos na perspectiva de discutir, considerando a experiência de seus corpos, que o desenho tem uma consequência. Fonte: Acervo de Francisco Xico Costa, 2016.



Fig. 3: Estudantes em experiências corporais enquanto exercícios da disciplina de Projeto de Arquitetura I, quando ministrada pela Profa. Dra. Maria Angélica da Silva. Derivas e performances são mecanismos essenciais desse processo que tem como fundamento a ideia da cidade como invólucro do próprio corpo humano e que, enquanto tal, este participa das diversas dinâmicas que constituem o espaço habitado. Fonte: SILVA, 2015, pp. 8 e 9.



Fig. 4: Imagens de estudos da cidade na cidade (temporadas 2016.1 e 2016.2) nos núcleos coloniais dos municípios de Igarassu e Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco. Fonte: Roseline Oliveira, 2016.



Fig. 5: Livro pop-up, jogo de tabuleiro e folder-origami, exemplos de produtos elaborados pelos alunos da disciplina de História da Arte, Arquitetura e Cidade II (temporada 2017.1), após derivas em núcleos urbanos pernambucanos de origem colonial. Fonte: Dandara Melo, 2017.

A ideia de que o “*corpo, coisa mental, é a carne e seu entorno, a natureza e as coisas criadas, a voz humana e os movimentos mais inimagináveis*” (KEHL apud SILVA, 2015, p. 10) permeia essas iniciativas, dentre as quais merece destaque o método abraçado pela estrutura do Corpocidade (BRITTO, JACQUES, 2010). Trata-se de um Encontro que busca questionar a situação urbana contemporânea enquanto produto do fenômeno da espetacularização, diminuindo a participação pública e cidadã no cotidiano da cidade, no sentido de:

estimular uma discussão acerca dos modos como se processam as noções de corpo, arte, ambiência e cidade nas práticas e discursos produzidos em diferentes campos do conhecimento e, em particular, nas artes visuais, dança, arquitetura e urbanismo. Pretende-se discutir as diferentes articulações possíveis entre corpo e cidade como estratégia de redesenho das suas condições participativas no processo de formulação da vida pública em que estão co-implicadas. Pretende-se instaurar uma arena de debates para a confrontação de ideias e experimentação coletiva de hipóteses em formatos teóricos e artísticos. (CORPOCIDADE)¹⁰.

O Corpodidade é comumente conhecido como um evento acadêmico que acontece bianualmente desde 2008, mas seu projeto tem uma abrangência muito maior. Com o apoio institucional, inicia-se com experiências realizadas no cotidiano da universidade durante as atividades disciplinares e se desdobra para workshops, oficinas, publicações e elaborações conceituais (Figura 6)¹¹.

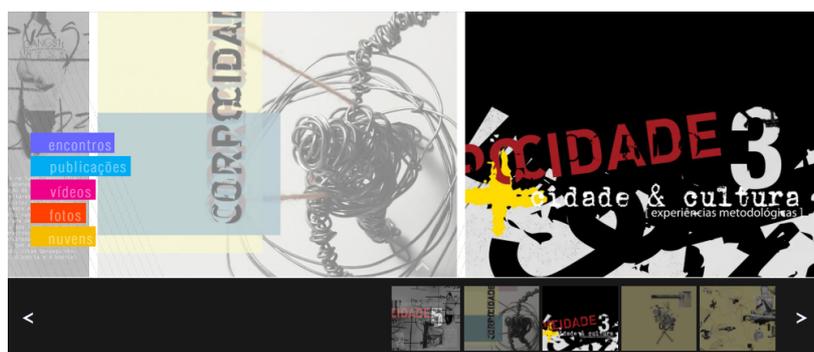


Fig. 6: Página inicial do *website* do Corpodidade. Fonte: Evento Corpodidade. Disponível em <http://www.corpodidade.dan.ufba.br/>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Com um primor de trato da identidade visual, na quinta versão do evento intitulado "Gestos Urbanos" (2016), os participantes foram convocados a escreverem seus resumos em formato de manifesto, os quais serviram apenas como uma espécie de "passe" para a entrada no jogo de discussão sobre o tema. Para além das conferências, as sessões temáticas ocorriam paralelamente e aquela denominada *Performatividades* foi se moldando ao longo do encontro. Analogamente à lógica de um jogo, suas regras foram sendo montadas durante a dinâmica do próprio evento. Os textos dos passes foram abandonados, não houve apresentação dos integrantes, não teve mesa nem microfone, tampouco tempo definido para as apresentações, e as discussões partiram das experiências particulares na tradicional Festa de Nossa Senhora da Conceição da Praia, que no dia 8 de dezembro de todos os anos invade a cidade baixa de Salvador, não prevista na programação do Encontro.

Os resultados dessa experiência, associados ao tema "Gestos urbanos", foram os próprios processos de interpretação das várias vivências individuais e coletivas da Festa e, em uma composição com o mínimo de orientação e com os materiais ali disponíveis, eram apresentados performaticamente pelos integrantes (profissionais e estudantes de Dança, Teatro, Filosofia, Arquitetura) através de seus corpos, afastando-se da comumente usada expressão audiovisual e arranjo espacial como sala de aula, cadeiras na frente e atrás, tela e microfone (Figura 7).



Fig. 7: Riscos no chão e nos corpos dos participantes marcados pelos mesmos enquanto interpretação e expressão performática da Festa de Nossa Senhora da Conceição do dia 08.12.2016. Fonte: *Website* do evento Corpodidade. Disponível em <http://www.corpodidade.dan.ufba.br/#section-fotos>. Acesso em: 14 maio 2020.

O Corpodidade, então, sintetiza, de certa forma, o percurso das aproximações entre as revoluções intelectuais do século XX ocorridas em várias áreas de conhecimento. Dissolve limites disciplinares, provoca dúvidas, aciona trocas perceptivas, dá espaço para multiplicidade de respostas, como um dia Lygia Clark¹² e Hélio

Oitica proporcionaram com seus “Bichos” e Parangolés. “Se nos observarmos, veremos que nosso próprio corpo ensina que tudo se une: mente, espírito, carne”. (SILVA, 2015, p. 10).

3 Considerações finais: entre a cidade e a imprevisibilidade

As posturas acadêmicas aqui citadas atuam tendo o método como prioridade. Partem do pressuposto de que ele, quando motiva a perseguição do movimento da cidade na cidade, aciona a empiria que se transforma em um mecanismo significativo para a formação de um olhar crítico diante dos fenômenos urbanos e criativo diante das fontes referenciais de papel e de pedra (Figura 8). Portanto, ao oportunizar o engajamento do corpo na cidade (BOGEA, 2001), esse método alarga possibilidades perceptivas no sentido de favorecer o enriquecimento interpretativo da dinâmica do tempo, do espaço e de suas repercussões na construção do discurso.

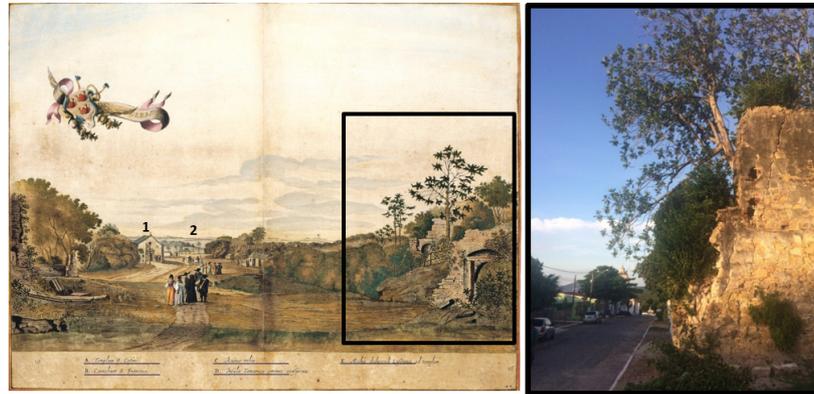


Fig. 8: Imagem da Vila de Igarassu, (Frans Post, 1637), com a Igreja de São Cosme e Damião (1), o convento franciscano (2) e com a marcação do detalhe correspondente a uma foto de 2017, mostrando o pé de fruta pão que parece “invisível”, mesmo inserido no conjunto arquitetônico e paisagístico reconhecido enquanto patrimônio em nível federal desde 1972.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem - FAU-UFAL.

Essas experiências podem não render nenhum resultado processual de imediato e notório impacto, mas também, ao darem voz à apreensão individualizada do meio, podem permitir a emersão de situações que parecem invisíveis, adormecidas, subterrâneas e, na maioria das vezes, inquestionavelmente assimiladas¹³.

Relativamente às primeiras interrogações deste texto, as noções de disciplinas variadas, quando acessada pelo viés da inventividade, se colocam como uma rica base articulável de informações e, por extensão, favorável para produção de um conhecimento incomum e para construção de posturas sólidas de atuação, na medida em que são compreendidas enquanto exercício de criatividade e critério para a crítica¹⁴. Mas isso é mais provável de acontecer se encaradas como experiências e não como modelos, tampouco como conceitos estratificados. Mesmo porque, quando algo se repete, ele é outro na repetição, pois é produzido socialmente, de maneira que não existe um conceito fixo sobre o mesmo¹⁵.

Adotar o processo como método diante do desafio de estudar a cidade requer, portanto, coragem e humildade. Significa assumir que não há uma verdade absoluta e que a abrangência e abordagem de entendimento sobre as coisas são construções subjetivas e, por extensão, relativas¹⁶. É, por isso, libertar o arquiteto da sólida forma moderna de pensar, que por décadas lhe cobra ambição, e sensibilizá-lo para compreender e projetar e não prever, porque “a dinâmica do ambiente que nos rodeia é bem menos óbvia do que nós supomos”. (AREOSA, 2012, p. 13).

Toda a experiência e erudição do arquiteto, urbanista, professor Lúcio Costa não evitaram a reapropriação de seu projeto para o Terminal Rodoviário de Brasília, pensado para funcionar com a atmosfera das cafeterias europeias do início do século XX, e que se transformou no espaço mais popular da capital do Governo (O RISCO..., 2003). O conhecimento é uma perspectiva de entendimento e é constantemente produzido desconsiderando inúmeros aspectos, os quais simplesmente não são, em um dado momento, percebidos. Por isso mesmo, a cidade, enquanto sonho e intervenção¹⁷, está à mercê do destino ou da incerteza, como o sociólogo Zigmunt Bauman (2013) e o matemático Nassim Taleb (2016), tratando do tema da felicidade e da aleatoriedade, respectivamente, denominaram (ou identificaram serem conhecidos como) o surpreendente descontrole sobre a vida.

Aceitar a imprevisibilidade no estudo da cidade reforça, portanto, o compromisso da constante atualização da escola, o qual aponta para a flexibilização dos limites de suas grades (curriculares) e para uma reformatação de seus procedimentos (metodológicos). Evocar a autonomia na produção do conhecimento e o corpo como instrumento de criatividade no percurso de formação é desmontar certos padrões da seara científica. Dentre

eles, situam-se permitir a escrita em primeira pessoa¹⁸, revisar a posição de aluno e professor, e pensar a escola enquanto laboratório de experiências, lugar de processos e de produção, onde o tutor aproxima-se da atuação clássica dos antigos poetas enquanto testemunho (GOFF, 1990), mas também, neste tempo, atua como um aprendiz ao valorizar a troca da discussão coletiva, apostar no aprendizado com base na subjetividade e na abertura de possibilidades do olhar sobre a cidade e da construção do saber.

Há quase 300 anos Raphael Bluteau (1721) registrou em seu dicionário o dia a dia enquanto base do aprendizado. A experiência e o tempo podem provocar maturidade, mas a própria história denuncia que isso não significa garantias e certezas. Se encarada com sutileza, ela só pode nos tornar menos despreparados para tudo o que a cidade pode e ainda nos vai ensinar¹⁹.

Agradecimentos

Este artigo é inspirado na experiência do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (Base Lattes-CNPq desde 1998), do qual a autora compartilha a liderança com a Prof. Dra. Maria Angélica da Silva, a quem agradeço pela revisão dos argumentos desse texto, bem como ao Prof. Dr. Geraldo Faria do PPGAU-Ufal. O Grupo vem atuando de forma interdisciplinar (unindo arquitetos e membros com formação em história, geografia, arqueologia, antropologia, fotografia e design) com o tema das temporalidades de núcleos urbanos de origem colonial, catalogando referências paisagísticas materiais e imateriais, e tomando como ferramentas metodológicas principais o uso de fontes primárias, o trabalho de campo e a análise iconográfica através de processos de manipulação digital e elaboração de produtos.

Referências

ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

AREOSA, J. **O lado obscuro dos acidentes de trabalho**: um estudo de caso no setor ferroviário. Ribeirão: Humus, 2012.

BAUMAN, Z. A ambivalência da vida e a felicidade. [Entrevista cedida ao] Café Filosófico. 2013. Vídeo. (7:40min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SWe9fGjL-04>. Acesso em: 26 abr. 2020.

BLUTEAU, R. **Vocabulário Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico [...] oferecido a El Rei de Portugal, D. João V / pelo Padre D. Raphael Bluteau**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1721.

BOGEEA, I. (Org). **Oito ou nove ensaios sobre o Grupo Corpo**. São Paulo: Cosac&Naify, 2001.

BRANDÃO, C. A. L. As cidades na cidade. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. (Org). **As cidades na cidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2006, pp. 21-33.

BRAUDEL, F. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico à época de Filipe II**. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. **Corpocidade**. Salvador: UFBA, 2010.

CAMPELLO, G. **O brilho da simplicidade**: dois estudos sobre arquitetura religiosa no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

CASTRIOTA, L. (Org). **Arquitetura e documentação**. Belo Horizonte: IEDS, 2011.

CLARK, L. **Lygia Clark**. Textos de Lygia Clark, Ferreira Gullar e Mário Pedrosa. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

CORPOCIDADE. **Plataforma**. Disponível em: <http://www.corpocidade.dan.ufba.br/encontro.htm>. Acesso em: 10 dez. 2017.

DEBORD, G. Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional (1958). In: JACQUES, Paola Berenstein (Org). **Apologia da Deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, pp. 45-60.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DOSSE, F. **A História em Migalhas**: dos *Annales* à Nova História. Campinas: Unicamp, 1994.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2007.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GOFF, J. L. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

JACQUES, P. B. **Estética da ginga**: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

JACQUES, P. B. Corpografias urbanas. In: **Arquitextos**, 2008. Disponível em <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 26 abr. 2020.

JANELA DA alma. João Jardim e Walter Carvalho. Ravina Films e Dueto Films. 2001. DVD (73min).

OLIVEIRA, R. **As vilas e seus gestos urbanos**: o desenho de seis núcleos de origem colonial no contexto da representação textual e iconográfica dos séculos XVI e XVII. Maceió: EDUFAL/Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

OLIVEIRA, R.; GUDINA, A. Fique em casa e lave suas mãos: notas sobre a cidade do não-circular. In: **Arquitextos**, 2020. Disponível em <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.239/7701>. Acesso em: 23 abr. 2020.

O RISCO e a utopia moderna. Direção de Geraldo Motta Filho. **Bang_Bang_Filmes Produções**, 2003. DVD (76min).

PANOFSKY, E. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PAULA, J. A. de. As cidades. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org). **As cidades na cidade**. Belo Horizonte: UFMG: 2006, pp. 21-33.

SALLES, J. M. Como viver depois da intensidade. [Entrevista cedida a] Ivan Nunes. **Público**, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/03/11/culturaipilon/noticia/o-incomodo-e-uma-posicao-confortavel-1805939>. Acesso em: 19 mar. 2018.

SILVA, M. A. da. Habitar o espaço, produzir com as mãos: experiências em dinâmicas do espaço habitado na Fau/Ufal. In: **Revista Ímpeto**. N. 5. Maceió: EDUFAL, 2015, pp. 6-10.

TALEB, N. N. **O cisne negro**: o impacto do altamente improvável. Lisboa: Alfragide, Dom Quixote, 2016.

1 Paola B. Jacques (2001) constrói a ideia de fragmento, labirinto e rizoma enquanto figuras conceituais da dinâmica dos espaços da favela com base na filosofia deleuziana.

2 O Positivismo dos Oitocentos pode ter sido o culpado das primeiras reticências acerca da função da História por ter balizado discussões das Ciências Sociais, as quais remetiam autonomia ao documento e, portanto, questionavam a importância do trabalho do historiador. Nesse contexto, a ideia de História era a de um repositório modelar de determinado tema que justificava o desenho de identidades, alimentava o desejo de colecionadores e motivava a criação de museus.

3 No período das Grandes Guerras mundiais, uma outra postura renova esses debates, focando-os na valorização da interpretação do passado e no papel ativo do historiador enquanto criador de hipóteses e questões, na medida em que se amplia a noção de documento também como linguagem. Um marco dessa dobra de pensamento foi o trabalho de Fernand Braudel, produzido durante o seu momento de prisioneiro dos alemães, cuja narrativa abordou essencialmente a relação do homem com o meio ambiente, tendo como protagonista o mar mediterrâneo. Aproximando narrativa e Geografia, sua obra representa um movimento que vai se efetivando como interdisciplinar, passando a História, então, a ser pensada como produto elaborado e não como dado contraído (BRAUDEL, 1983).

4 Quando a História se dissolve na postura antropológica, inicia-se um processo de adjetivação/denominação do próprio campo do saber que irá permear as publicações historiográficas a partir dos anos de 1970. Georges Duby e Jacques Le Goff, com suas "Histórias das Mentalidades", são as referências da Escola Francesa que gerou uma linha de seguidores voltados para os estudos da cultura e da natureza. A então chamada Nova História consentirá historiar interpretações de dados naturais da vida, como atitudes diante da morte e da

infância, assumindo que em toda manifestação humana reside uma forma de pensar para além de um contexto que as justificam. Por extensão, isso permitirá uma ampliação do olhar sobre o passado e das próprias fontes de investigação, e aceitará como documentos registros que por muito tempo foram excluídos das bases científicas e das fontes arquivísticas, a exemplo dos relatos de época, da oralidade e da imagem. (Argumentos baseados na conferência, inserida no ciclo organizado pelo professor Vitor Manuel Jorge, sobre A História dos Annales, proferida por Fátima Sá Estevão (ISCTE), ocorrida em 17.11.2017, nas instalações do Museu de Cerâmica de Sacavém, Portugal).

5 Contudo, essas mudanças da forma de pensar o mundo não são de todo libertadoras. O passado em longa duração e a avaliação quantitativa enquanto aspectos estruturantes das narrativas denunciam ainda carregarem consigo procedimentos tradicionais da construção do pensamento histórico. "A História em Migalhas", de François Dosse (1994), confirmou as consequências desses avanços discursivos e o desafio do historiador contemporâneo em assumir a pluralidade, readaptar a noção de tempo e se dissolver em outras abordagens narrativas, especialmente diante da situação contemporânea da "informação entre os homens dos diferentes continentes, torna necessária uma reorientação do discurso do historiador que se adapte à nova consciência do tempo histórico". (DOSSE, 1994, p.102).

6 No campo da cultura visual, por exemplo, os primeiros estudos modernos de referência foram realizados por Ervin Panofsky (1979), seguido por Carlo Ginzburg (1989), os quais trataram do valor instrumental da imagem enquanto dado histórico que estaria associado à postura interpretativa do observador. A obra de arte, nesse sentido, seria uma imagem a ser decodificada e percebida de acordo com uma certa ordem moldada pela linguagem de determinados padrões culturais. Ao mesmo tempo, ela seria a própria linguagem por representar um olhar carregado de personificação autoral. Sendo assim, ultrapassando a análise de aspectos formais e a partir da observação de minúcias, pode-se reconhecer modismos, desejos e anseios que marcam determinada época. A imagem representa os "princípios de fundo que revelam a atitude fundamental de uma nação, um período, uma classe, uma concepção religiosa ou filosófica, inconscientemente classificada por uma personalidade e condensada numa obra". (PANOFSKY, 1979, p. 59).

7 A obra do historiador e ex-prefeito de Roma Giulio Carlo Argan, de 1983, talvez possa ser reconhecido como um divisor de águas enquanto referência para o estudo da história da cidade, pois, diferente do desenvolvimento argumentativo baseado em causa e consequência de Leonardo Benévolo (1993), o qual, de uma maneira geral, por décadas chefiou as fontes bibliográficas dos cursos, sua abordagem se dá em torno da cidade enquanto obra de arte, explicando-a por vias estéticas e expandindo o seu entendimento da face da paisagem construída para o movimento do cotidiano: "São espaço urbano também os ambientes das casas particulares; o retábulo do altar da igreja, a decoração do quarto de dormir ou da sala de jantar, até mesmo o vestuário e o ornamento com que as pessoas se movem, recitam a sua parte na dimensão cênica da cidade. (...) os bosques onde vai caçar, o lago ou os rios onde vai pescar (...)". (ARGAN, 2005, p. 03).

8 Do original em espanhol: "Las edificaciones, las construcciones, las obras que poseen en sí la cualidad arquitectónica de formalizar elementos que potencian la memoria de la cultura". (RAMIREZ NIETO apud CASTRIOTA, 2011, p. 265).

9 Etnocentrismo, ou seja, base na noção ocidental do Logos que traz a reboque uma visão de mundo onde um grupo é tomado como centro e, através de seus valores e modelos, pensam a condição dos demais grupos. (DERRIDA, 1973).

10 CORPOCIDADE. Plataforma. Disponível em: <<http://www.corpocidade.dan.ufba.br/encontro.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

11 A exemplo do conceito de Corpografia que consiste em "um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita, mas também configura o corpo de quem a experimenta". (JACQUES, 2008).

12 "É o nome que dei às minhas obras desse período (...) A disposição das placas de metal determina as posições dos Bichos, que ao primeiro golpe de vista parece ilimitado. Quando me perguntam quantos movimentos o Bicho pode efetuar, eu respondo: Não sei nada disso, você não sabe nada disso, mas ele, ele sabe". (CLARK, 1980, p. 17).

13 A exemplo de discursos clássicos acerca do urbanismo luso-brasileiro, os quais oscilam basicamente entre o regular e o irregular, demonstrando "uma certa rigidez nas explicações do desenho urbano colonial, desconsiderando, por exemplo, a influência de outros elementos que podem configurar a malha urbana, como o porto que margeia o rio; o forte do outro lado da ilha, ou o engenho afastado do núcleo urbano da vila. Deixam à margem também outras definições sobre o traçado de determinada localidade que podem

caracterizar o conjunto de caminhos tais como, largo, estreito, longo, curto, longitudinal, transversal, inacabado, definidos pelo casario, cruzando as igrejas...". (OLIVEIRA, 2018, p. 32).

14 Como exemplo podemos citar o reconhecimento dos aspectos cenográficos da obra de Oscar Niemeyer e, por isso, chamá-las de barrocas, sem medo do anacronismo, como o fez Glauco Campello (2001) e a aproximação entre as representações dos jardins de Burle Marx e a composição dos chapéus de Carmen Miranda (paisagismo e carnaval) ou arquitetura, Bossa Nova e Pelé (Modernismo, música e futebol) como engenhosamente fez Márcio Campos, professor da FAU-UFBA, em sua conferência proferida na VI SEMAU com o tema O irresistível risco do novo, organizada pelo Programa de Educação Tutorial do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Ufal, ocorrido em 2010.

15 De acordo com Derrida, quando algo é reapropriado há sempre um aspecto que lhe confere singularidade, uma forma de pensar, de manusear, de funcionar. É como a leitura, o discurso, a observação – quando se lê, se fala e se vê algo novamente, lê-se, fala-se, vê-se diferente. A própria palavra refalada é outra, transformada pela expressão fonética, pela velocidade, entonação, enfim, pelas forças da pronúncia, que, por sua vez, é influenciada por uma série de situações, sejam de caráter cultural ou simplesmente ocasional, momentâneo: "Os conceitos só adquirem sentido nos encadeamentos de diferenças, não se pode justificar sua linguagem, e a escolha dos termos, senão no interior de uma tópica e de uma estratégia histórica. Portanto, a significação não pode jamais ser absoluta e definitiva". (DERRIDA, 1973, p. 86).

16 Como desconcertantemente comentou o poeta Manuel de Barros no documentário JANELA DA ALMA (2001), não é o olho que vê, é a nossa maneira de pensar e sentir que molda nossa forma de perceber o mundo.

17 "As cidades são tanto os dados imediatos de suas materialidades, quanto o impalpável dos sonhos, dos desejos. Essas cidades imaginárias são dimensões paralelas, evocadas pela fantasia e, no entanto, tão reais quanto as cidades de pedra e cal, na medida em que são o fermento e instrumento das transformações, da busca do melhor modo de viver (...)". (PAULA, 2006, p. 21).

18 "É curioso que eu tenha acabado por fazer filmes na primeira pessoa, porque não é uma coisa natural para mim. Tenho muita dificuldade em falar de mim. Quando enviei ao Escorel o material do Santiago e lhe disse que tinha chegado à conclusão de que a única maneira de fazer o filme seria recorrendo à primeira pessoa, acrescentei que ficava muito incomodado porque isso me parecia narcísico. Então ele respondeu, por email, com uma frase do [documentarista francês] Chris Marker [1921-2012] que acabou por ser importante: 'Ao contrário do que as pessoas dizem, o uso da primeira pessoa em filmes tende a ser sinal de humildade: tudo o que tenho a oferecer sou eu mesmo". (SALLES, 2018).

19 Desde o mês de dezembro de 2019, cidades de todo o mundo têm sofrido as consequências de uma crise pandêmica com o alto poder de disseminação do novo coronavírus, originário da China. "Os posicionamentos que os diversos meios de comunicação e linguagens de divulgação têm registrado oscilam entre um avanço tecnológico forçado e a eminência de um caos, provocado pelo aparente despreparo social para encarar o surto epidêmico". (OLIVEIRA, GUDINA, 2020).